

RESENHA NOGUEIRA, Lucila. *A lenda de Fernando Pessoa*. Recife: Associação de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano, 2003. 135p.

*Cassia Alves Silva*¹

A obra *A lenda de Fernando Pessoa*, de Lucila Nogueira, é, como se pode ler na advertência, uma crítica ao modo simplificado como são lidos os escritos de Fernando Pessoa. Além disso, e principalmente, é uma leitura que se despe dos preconceitos e se transforma em ensaio crítico, estético. A autora se deixa encantar pela obra poética pessoana, apreciando-a de modo mais completo.

Após a advertência, a obra se divide em quatro partes ou capítulos. No primeiro, Lucila tece questionamentos sobre “Fernando Pessoa e a análise psicobiográfica”. A problemática reside no fato de, muitas vezes, a crítica ver o artista como neurótico (análise psicanalítica). Os estudos freudianos adentram no essencial da obra através da vivência do artista. A partir da obra, são visíveis os complexos e neuroses das quais ele é composto. Já Jung diz que não se deve julgar o artista a partir de sua obra, mas só a partir de si mesmo. Para ampliar a questão, Lucila retoma os conceitos gregos segundo os quais o poeta era gênio e louco e, no momento da escritura, era possesso (transbordamento).

O capítulo dois, “Fernando Pessoa, esoterismo e mediunidade”, traz o conceito de inspiração poética relacionado com algumas sabedorias – a saber a teosofia, a ordem de rosacruz (ampliada até o espiritismo e a mediunidade). Pessoa traz esses saberes em sua obra de modo bastante consciente ou não, pois, após traduzir textos relacionados ao tema, passou a se interessar pelo assunto. A partir dos estudos residuais empreendidos na Universidade Federal do Ceará pelo pesquisador Roberto Pontes², compreende-se facilmente quando tais aspectos são visíveis na poesia pessoana. Basta atentar-se para o conceito de endoculturação, processo pelo qual passa o indivíduo à medida que processa o conhecimento apreendido desde a infância.

¹ Professora no Instituto Federal do Rio Grande do Norte. Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Ceará.

² Para o autor dos estudos residuais, a literatura, bem como a cultura de um modo geral, se constrói também a partir da essência que resta do passado. Para tanto, utiliza alguns conceitos como imaginário, mentalidade, hibridação cultural, endoculturação e resíduo.

Assim, através do resíduo que se faz presente, o aprendizado se mostra. Colabora ainda para o ato poético pessoano a visão órfica do mundo.

No terceiro capítulo, “Alberto Caeiro: a luz que vem do oriente”, Lucila conduz o leitor por um passeio pela cultura oriental e pelos aspectos da natureza presentes na obra de Alberto Caeiro. A autora estabelece uma relação entre Caeiro e a filosofia budista Zen, o epicurismo, a poesia chinesa ou japonesa, o campo, alguns artistas da poesia portuguesa, como Cesário Verde e Antonio Nobre, e norte-americana, Walt Whitman. Ao definir Caeiro, diz: “ele é assim e basta”!

Com o exposto, compreende-se de modo mais amplo e claro a poesia de Alberto Caeiro. Vê-se que sua obra é composta de reminiscências as quais, por meio do processo de endoculturação e hibridismo cultural, foram trazidas aos seus escritos. Ressalte-se que o processo residual ocorre em Fernando Pessoa e se consuma no poeta mestre dos heterônimos.

O capítulo quatro, “Ricardo Reis e Álvaro de Campos: da flauta de pão à lâmpada da fábrica”, conclui a análise dos três heterônimos pessoanos mais ativos. Aqui, mostra-se o mundo como um palco no qual estão agora Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Assim, como as personagens clamavam por vida ativa na novela “Personagens”, de Luigi Pirandello, pois acreditavam ter algo peculiar que devia ser conhecido, Reis e Campos se afirmam enquanto poetas do modernismo português, pois tinham muito a dizer. Como as personagens de Pirandello, os dois heterônimos, nascidos com vida, queriam viver.

Para atuar no mundo, Ricardo Reis traz em sua gênese os programas estéticos que o determinaram. A saber, a poesia neoclássica, o neopaganismo português e diversas características da poesia greco-romana. Apesar de sua singularidade entre os demais heterônimos, Reis não chega a ser inovador, como foram Pessoa ou Caeiro. Já Álvaro de Campos sobe ao palco com uma visão poética de vanguarda e introduz o Modernismo em Portugal. Para explicar como isso se dá, Lucila apresenta o contexto histórico do heterônimo e conclui: Campos assume a modernidade por meio da máquina sempre presente em sua poesia e canta o levante da civilização moderna.

Para alargar as questões acerca da atuação de cada heterônimo, Lucila estabelece comparações: primeiro entre Álvaro de Campos, Alberto Caeiro e Ricardo Reis; em seguida dualiza o confronto e traça pontos de contato entre Campos e Caeiro. Conclui-se que os três heterônimos e o ortônimo são reflexos da complexidade da modernidade ocidental. Em Campos,

no entanto, essa complexidade se revela na estética do desespero, na consciência de que não há saída, observada na lucidez e na dispersão encontradas em “Tabacaria”.

Ao concluir seu trabalho, Lucila deixa clara a existência de um ciclo pessoano em Portugal, assim como houve um ciclo camoniano. A informação não é uma surpresa para os que leem Pessoa, pois nele estava “um teatro secreto de heterônimos”, o qual deixou a “lição de jamais abandonar na infância o poder da imaginação” (p. 83). O que justifica a existência do ciclo não é a criação heteronímica, mas o modo como os poetas criados dialogam e colaboram para fazer e ser o modernismo português.